

**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NOME DO ENTREVISTADO

LINDOMAR AMARAL ALVES

(MESTRE NINO ALVES)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-241

Entrevistado: Lindomar Amaral Alves (Mestre Nino Alves)

Nascimento: 03/06/1959

Local da entrevista: Mercado Público, Centro Histórico de Porto Alegre.

Entrevistador: Ederson Alberto Teixeira Dornelles

Data da entrevista: 18/10/2011

Transcrição: Ederson Alberto Teixeira Dornelles

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: gravador digital

Total de gravação: não informado

Observações: Entrevista realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Ederson Alberto Teixeira Dornelles intitulado *Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho*, apresentado em dezembro de 2011 na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

História de vida do entrevistado; Início na capoeira; Mestres de formação; Mestres e grupos de capoeira no Rio Grande do Sul; Campeonatos de capoeira; Formação de mestres;

Porto Alegre, 18 de outubro de 2011. Entrevista com Lindomar Amaral Alves (Mestre Nino Alves) a cargo do pesquisador Everton Alberto Teixeira Dorneles, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. - Meu nome, bota o Alves! Bota Nino Alves porque tem muitos Ninos. Tu entras no *Youtube* tem Nino na França, Nino da Senzala, Nino não sei das quantas.

E.D. – Eu até ia perguntar se o senhor usava o Alves...

L.A. - É porque o meu nome é Lindomar Amaral Alves, então eu uso o Alves para dar esse diferencial. Começou a existir, Nino, Nino, Nino... e Alves tem poucos mestres. Tem aquela coisa, não apelidar o pessoal novo com o apelido de mestres antigos, porque Bimba¹ só teve um! Então, a gente vai plantando isso aí.

E.D. – Mestre, diga o seu nome completo e data de nascimento.

L.A. - Lindomar Amaral Alves. Nasci em Rio Grande², berço da cultura afro, hispânica e portuguesa do nosso Estado. Nasci em 03 de junho de 1959.

E.D. – Show de bola. Mestre. Conte-nos um pouco sobre sua história de vida.

.A. - Olha cara, desde garoto, quando vim do interior para cá, quando morre... Eu tenho pai vivo mas sou filho adotivo. Quando morre o pai e a mãe que eu conheci, que eram uma avó e um tio meu, eu vim para Porto Alegre morar com uma tia. Não fiquei com minha mãe lá na cidade, eu vim para cá e, como todo garoto eu me associei em um clube - o Grêmio Náutico União - e aí tu vais te entrosando, vai ralando e tal. Eu olhei para o judô, esporte individual, aí fui praticar o esporte individual e nessa correria eu fui escoteiro, joguei futebol nas escolinhas e aí vi que a bola não gostava muito de mim, porque não adianta gostar da bola, ela tem que gostar de mim. Me iniciei um pouco nas artes marciais, treinei com lendários como Diogo Manchini³, Vítor Onaka⁴, Jorge

¹ Manoel dos Reis Machado, também conhecido como Mestre Bimba.

² Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Nome sujeito à confirmação.

Sunginata⁵, Diogo Manchini do Taekwondo, que hoje o Taekwondo está na Olimpíada. E na Kidokan⁶, que eu estava te falando agora há pouco, que era o Centro de Artes Marciais, lá na rua Duque de Caxias, no Centro de Porto Alegre, eu conheci o Mestre Ananílson de Souza, vulgo Mestre Monsueto... Conheci no Rio de Janeiro, formado de Zé Maria⁷, que é formado de Mário Buscapé⁸, que foi meio que discípulo de Besouro⁹. Então muito tenho orgulho... Aí com Monsueto eu conheci a alegria da capoeira, a musicalidade que só ele tem, a malandragem do carioca. Nesse meio tempo também eu conheci uma outra pessoa muito importante para capoeira do Rio Grande do Sul, que é o Manoel Olívio de Souza, Mestre Índio do Mercado Modelo¹⁰, que também já passava por aqui. A diferença entre o Índio e o Monsueto é que o Índio sempre rodou fazendo show pelo mundo, pelo Brasil, e depois ele veio fixar uma residência aqui durante muito tempo, e aí ele passava pelo interior: Caxias do Sul, Passo Fundo¹¹...

Tinham casas noturnas fantásticas em Porto Alegre, ele fez show na Boate Gruta Azul, que era um restaurante internacional... E depois eu conheci o Instrutor Paulinho que é o Mestre Paulinho do Muzenza e, já em 1977, conheci o Mestre Burguês¹², Mestre Touro¹³ do Rio, Mestre Sergipe¹⁴ da Bahia que vivia em Curitiba e os discípulos desses caras todos. Só que o cara muito jovem, sabe como é que é, faz pouco tempo que saiu da adolescência para entrar na idade adulta, fica deslumbrado com tudo só que não entende nada e acha aquilo tudo maravilhoso mas o bicho já estava pegando quando eu vi esses caras todos juntos.

Aí nos anos 1970 se inicia o trabalho de capoeira no Rio Grande do Sul. Até mesmo aqui já tinha passado outro cidadão, que foi o Vadinho¹⁵, que como um bom baiano era um alabê, não era mestre de capoeira mas era um capoeirista, e querendo ou não plantou uma semente também, e esses meninos também vieram a treinar com Mestre Monsueto, com Mestre Índio e hoje um deles que é o Mestre Ratinho¹⁶ da

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Kidokan, Centro de Artes Marciais.

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁹ Manoel Henrique Pereira, conhecido como Besouro Mangangá.

¹⁰ Referência ao Mercado Modelo de Salvador, Bahia.

¹¹ Referência a cidades do interior do Rio Grande do Sul.

¹² Nome sujeito à confirmação.

¹³ Nome sujeito à confirmação.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

¹⁵ Euvaldo Freitas dos Santos.

¹⁶ Anselmo da Silva Accurso (Mestre Ratinho)

Angola, que quando eu cheguei na Academia ele já estava lá. E o Churrasco¹⁷ eu viria a conhecer em seguida, também com esse lado folclórico do Cal¹⁸, um batizado diferente, que envolvia um pouco de africanismo, mãe de santo, então, toda essa miscigenação em volta da capoeira eu conheci ainda nos anos 1970. Em 1978 eu começo a viajar com Paulinho até Curitiba, que era o máximo que eu conseguia ir. Em 1979 eu já fiz curso no Rio de Janeiro com Garrincha, do Senzala¹⁹. Então o que acontece: eu conheci o grupo Senzala, o famoso grupo Senzala, com uma metodologia diferente, com um resgate, com outros toques de berimbau. Nos anos 1980 eu começo a integrar as equipes de competição, que foi um lado da capoeira esse lance dos campeonatos, pela Federação e nem todo mundo que era muito bom de capoeira participava. Mas para o sul era uma das coisas que a capoeira oferecia, naquele tempo era mais fomentado as associações e as academias, e o que viria a ser fomentado ainda no final dos anos 80, são os grupos de capoeira e alguns grupos hoje que são verdadeiras empresas até em nível internacional. Eu tive o prazer de ser o primeiro aluno do Muzenza oficialmente, do Paulinho, eu tive o prazer de ter sido o primeiro aluno de Mestre Camisa em toda a Região Sul, como corda roxa ainda na tradição Senzala, Capoeirarte e Abadá Capoeira²⁰, que eu participei da fundação. E hoje eu vejo todos esses trabalhos dando continuidade, toda uma arrebatção como eu estou te vendo aqui, que tu vens da linha do Mestre Gato, meu irmão Gato Preto e hoje está pesquisando, já está aí com sua bandeira, lutando por uma melhor capoeira.

E.D. – Perfeito. Então acho que já falou como começou sua trajetória, então essa pergunta já esta morta. Queria saber a respeito do que eram e como se davam os campeonatos que o senhor participou, como foram.

L.A. - Olha, o regulamento da Confederação era bem crítico, valia nocaute na época, então pratica dois minutos de uma capoeira no toque de São Bento Grande da Angola, e o pau pegava! Então exigia muito a capoeira que vinha da atividade física, ela exige muita elasticidade, muito condicionamento, porém quando eu abdicar das artes orientais para ir para capoeira, uma coisa é certa: eu sempre acreditei na capoeira até mesmo em

¹⁷ João Batista Cléber Teixeira Santos.

¹⁸ Cal Henry Xavier.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

²⁰ Grupos de Capoeira.

função de luta, eu sou um cara alto mas não sou um cara muito forte, e hoje na minha idade, faço 52 anos, eu não sou mais um atleta mas acredito, acima de tudo, na capoeira que eu carrego na minha alma, na minha ancestralidade, no meu espírito, na malandragem que meus mestres me passaram, porque eu tive muito orgulho de ter sido aluno de quem fui e ter conhecido os capoeiristas que eu conheci, tanto os baianos, quanto os cariocas, quanto os paulistas. Todos têm uma coisa em comum, uma essência, a malandragem da capoeira e a alegria da capoeira, e a eficiência da capoeira, porque na capoeira não tem tamanho, a capoeira é terrível! Às vezes você olha um menino e ele é mais perigoso que um cara de 100 quilos, se ele souber usar as técnicas de capoeira, esse lado dos cálculos de física da capoeira, multiplicação de peso... meu Deus! Uma criança se torna uma arma com a capoeira.

E as competições eu tive o prazer de ganhar em 1982, individual, em São Paulo pelo Estado do Paraná, fui campeão peso pesado, tenho todos os certificados para te mostrar. Depois absorvo aqui em 1983 a diretoria do Departamento de Capoeira da Federação de Pugilismo, que era afiliada à Confederação Brasileira de Pugilismo e que muita gente confunde presidente de Federação: Não! Eu não criei Federação nenhuma! Por quê? Eu não acredito em tirar de quem não tem e se hoje, em pleno ano de 2011, os caras não conseguem colocar na cabeça que tem que organizar a classe, que tem de fazer entidade, isso tudo agrega valor. Imagina, naquela época eu muito jovem, sem conhecer, como faria isso. Então eu sempre fiz assim, como eu prego hoje no futuro conselho de Mestre: todo capoeirista tem que ser um guardião da capoeira não um fiscal. A capoeira nunca admitiu fiscal, aquela coisa de máfia, não é? As questões históricas da capoeira com a polícia, omisso não, mas que todos temos de ser, do mais jovem ao mais antigo, um guardião da capoeira e ter responsabilidades com a capoeira. Todo mundo tem que ter! Para ser capoeirista, mais que graduação, além do conhecimento, tem que ser um guardião da capoeira, tem que preservar e proteger ela, porque se até na medicina tem falcatura, imagina nas outras artes. A gente tem que guardar, cuidar bem do que ama e a capoeira é uma coisa que eu amo muito.

E.D. - Esse campeonato não existe mais não é? Ele existiu de quando a quando?

L.A. - Até a criação da Confederação, a homologação da Confederação de Capoeira. Ele existia mas estão acontecendo algumas coisas, e também tu podes ver que depois, os grandes grupos tem os seus próprios jogos, com alguns regulamentos diferentes,

algumas coisas do nível que não pode mais sangrar, nocautear, que não tem mais necessidade dessa violência toda, porque campeonato de capoeira era bem violento, dava muito nocaute! Era uma luta mesmo. Hoje o jogador tem que estar mais apto porque exige mais preparo ainda, mais conhecimento, para jogar certos toques que conforme a organização, são cobrados dentro da capoeira. Isso exige, o cara tem que fazer curso, o cara tem que ser um bom cantador, um bom tocador, que à medida que ele vai se aprimorando, ele absorve mais na hora que é exigido. É um bom corrido, uma bela ladainha, tudo isso emociona e leva o cara a dar o melhor de si.

E.D. – Em que ano o senhor participou desse campeonato?

L.A. - De 1982 a 1987, só que em 1982 eu participei pelo campeonato válido de 1981, então, na história da Confederação eu sou o sétimo campeão brasileiro da história. 23 anos eu tinha. Em 1982 eu faria 22 anos.

E.D. – Quantos títulos o senhor tem?

L.A. - Eu tenho três de capoeira.

E.D. – Todos pelo Rio Grande do Sul?

L.A. - Não, não. O primeiro, de 1982 foi pelo Estado do Paraná, junto com a academia Muzenza, do Mestre Burguês, um dos meus gurus com certeza. O Mestre Burguês e o Mestre Camisa, qualificaram muito a minha pessoa, o capoeirista, e o meu trabalho e se tornaram empresários da capoeira pelo mundo. Em 1984 e 1986 sim, aí foi pelo Rio Grande do Sul, nós “papamos tudo” tinha [palavra inaudível] na época.

E.D. – Era individual ou em grupo?

L.A. - Tinha individual e equipe e depois vieram os campeonatos de duplas e alguns lances culturais como músicas, ladainhas... Era bem legal.

E.D. – Qual o nome ou título do campeonato?

L.A. - Campeonato Brasileiro de Capoeira. Então qualquer campeão era campeão brasileiro de capoeira. Por que a luta é assim cara, já começa pra tu ir. S tu não for é menos um para atrapalhar e aí todo o título é válido. Para mim não importa quanto tempo tu faz, o que importa é que tu arriscou tua pele naquilo, seja em dois, em dez, em quinze, em vinte minutos! Dez minutos! Agora, se o cara não pegou o ônibus, mesmo que fosse a pé, de bicicleta ou em um skate, se ele não foi, a culpa não é minha. Entendeu? E se eu fui lá, cheguei e já tinha uma vitória, se eu cheguei lá, lutei e ganhei, então, tive mais de uma vitória e a capoeira teve muitas vitórias com isso, e muita gente deu de si para isso acontecer. Não é a principal ferramenta da capoeira, a competição, mas hoje eu acho que faz falta porque todos os esportes que tem competições de alto nível, estão na mídia e a capoeira, por esses problemas, como vou te dizer... Por algumas filosofias: “Eu sou contra, sou a favor e tal”... Está com o freio de mão puxado mas é uma coisa que ela não irá fugir, não adianta. Meu sonho é ver realmente um campeonato mundial oficial de capoeira! O cara poder bater no peito e dizer: “Eu sou campeão mundial de capoeira oficialmente”. Porque às vezes o cara: Eu sou campeão mundial de capoeira! campeão mundial de uma determinada organização!” Não oficialmente. Então isso aí tem que vir e virá com certeza.

E.D. – E no seu início, onde eram os locais de prática da capoeira?

L.A. - Olha, naquele tempo não se fazia muita roda na rua, se fazia muita demonstração de capoeira, em clubes... Eu fiz muita demonstração pelo interior do Estado inteiro, eu iniciei a capoeira lá em Caxias do Sul, eu trabalhei a capoeira em Santa Maria, eu dei aula em Pelotas, eu dei uma aula em Rio Grande. Aqui na região, em Porto Alegre eu dei aula em todas as principais academias da cidade. Até mesmo um rapaz do teu seguimento²¹ perguntou por que a capoeira perdeu tanto espaço em academias. Nós temos muitas coisas importadas nas academias hoje, mas há o outro contraponto: a capoeira ganhou muito espaço em projetos, em clubes, em associações de bairro, então, ela não perdeu muitos espaços. Acho que o pessoal adulto começou a fazer algo mais eficaz em termos de embelezamento, de estética corporal, mas ainda tem bastante gente adulta que curte, que treina a capoeira, mas o principal que trás essa renovação... Quantos capoeiristas tu conheces que vem treinando desde garoto em um projeto?

²¹ A expressão “do teu seguimento” indica o pertencimento ao mesmo grupo do entrevistador, que também é capoeirista.

Independente de classe social. Tem capoeira em periferia? Tem! Tem capoeira em colégio bacana? Tem! Tem capoeira nas creches, cara. Olha o mercado que se abriu para o capoeirista. A única preocupação que se tem é o seguinte: qual a qualificação que esses caras têm para... Realmente alguns têm muita qualificação, estudam demais e outros eu tenho medo... A gente não sabe quem está dando aula e tal, eu me preocupo só em proteger a capoeira e a gurisada. Sabe como é pai, não é? Eu sou pai, e pai sempre se preocupa com quem está ensinando teu filho.

E.D. – E os capoeiristas da época, como eles eram? Quem eram as referências?

L.A. - Pô cara, as referências eram os Mestres Monsueto, Cerqueira²², Ferro-Velho²³, aqui não vou falar de Porto Alegre não é... Mestre Índio, o Mestre Paulinho, o Mestre Miguel Machado, do Cativoiro²⁴ quem veio da Bahia passar um tempo aqui com a gente. Aqui também morou o Mestre Corvão²⁵ do Rio de Janeiro, que morou na minha casa... O Mestre Manon²⁶, que até tem um... É um cidadão deficiente físico lá do Rio e morou aqui também um tempo. Mas os que realmente resistiram aqui no Sul foram: Índio, foi o Cerqueira, foi o Mestre Monsueto. Entre Mestre Índio e Mestre Monsueto, há um paralelo: quem chegou primeiro? Acredito eu que eles tenham chegado juntos, mas cada um de uma forma. O Índio pela região de Passo Fundo, casas noturnas e tal, até fixar um trabalho e o Mestre Monsueto já contratado por uma academia. Os caras bons, autodidatas, bons artistas. Eu vi uma roda, uma demonstração em uma academia, onde o Mestre Índio trabalhou com Mestre Monsueto, só que cada um trabalhou com uma modalidade diferente, Mestre Monsueto [palavra inaudível] e Mestre Índio dando aula de capoeira. Cara, eu vi Índio e Cal fazendo coisa que Deus duvida! Acho que, sei lá, umas cinqüenta, sessenta meia-luas²⁷, um dentro do outro e o Monsueto tocando²⁸, que o Monsueto sempre foi um axézão no berimbau. Eu nunca vou esquecer isso, foi um dos momentos mais marcantes da minha iniciação.

E.D. – O senhor á respondeu até a pergunta: quais foram os momentos mais marcantes...

²² Edson Cerqueira Frias.

²³ Israel de Paula Pires.

²⁴ Tradicional grupo de capoeira de Mestre Miguel.

²⁵ Nome sujeito à confirmação.

²⁶ Nome sujeito à confirmação.

²⁷ Golpe giratório executado com os pés muito tradicional na capoeira.

²⁸ Executando toque de berimbau, dando a cadência do jogo em execução.

L.A. - Ah, tem muitos! Os batizados da época eram mais do que uma troca de graduação, o ritual de passagem eram encontros de lutadores de capoeira! Esses homens que migravam (nós éramos muito jovens, muito inocentes, estávamos nos esforçando para aprender)... Só que eles conheciam as mandingas da capoeira, então o que eles estavam fazendo a gente achava tudo lindo. A gente não tinha o conhecimento para julgar, para entender direito. Houve grandes lutas de capoeira aqui no Sul que não existe pelo mundo.

E.D. – A época de chegada mais ou menos, de Mestre Índio e Mestre Monsueto.

L.A. - É em torno de 1976, 1977. É como eu te disse, o Monsueto veio e ficou; já o Índio veio, fez uns shows, deu um tempo, organizou um grupo, teve que voltar para a Bahia lá pelo trabalho dele, aí voltou de novo. Mestre Índio gosta de uma estrada pra caramba! Outros vieram e se enraizaram, até em nível profissional, sabe como é, quando você é funcionário em um lugar, tem que ficar.

E.D. – E quais foram as maiores dificuldades encontradas?

L.A. - Ah, desse pessoal, que a gente tem até hoje. Houve uma época em que a capoeira foi moda, foi muito bom para eles, essa época. Mas depois de um tempo, muita luta, algumas confusões... Voltou um pouco a ter certa discriminação, a arte capoeira. Hoje a gente olha a *internet*, tudo mais, e continua um pouco essa discriminação, a capoeira continua à margem quando ela poderia estar em vários *points*, em vários ambientes, ela chega. Por isso que não pode morrer esse espírito do show de capoeira. A capoeira todo mundo adora, já a roda de capoeira, a luta de capoeira, nem todo mundo aprecia, tem gente que não gosta de luta.

E.D. – A questão da criação, do surgimento da capoeira no Rio Grande do Sul para o senhor, como o senhor poderia...

L.A. - Eu, por exemplo, fui ao Rio de férias, molecão adolescente - eu conto essa história bastantes vezes. Aí fui no Guanabara comprar aquelas coisas de adolescentes, baile de domingo, um convite. Aí eu vi um cartaz, que eu nem imaginava quem dava

aula lá, depois eu viria a conhecer o homem que dava aula lá. Quem dava aula lá era o Mestre Camisa, do Centro de Capoeira Senzala, de quem tive a honra de ser corda roxa. Aí eu vim para Porto Alegre, comecei a procurar, telefonava e não achava, e não achava e eu já era aluno da Kidokan. Aí comprei um livro que poder ser considerado um dos pais de muitos capoeiristas que é o livro: “Capoeira Sem Mestre” - agora você vai me apertar o nome do autor, faz tanto tempo... Mas era um livro que eu comprei em uma livraria aqui do Centro, que a galera chama de Sebo, na Livraria Aurora. Eu comprei o livro “Capoeira Sem Mestre”. Não era do Nestor²⁹, ele veio escrever 10 anos depois. O Nestor é pelos anos de 1980. Assim como apareceram outros escritores nos anos de 1990 e como estão aparecendo outros agora. Mas esse que é “pai” do negócio, então, esse livro “Capoeira Sem Mestre”, eu olho: “Pô, é a história do corpo”. E aí eu conheci aquela descontração que era o Mestre Monsueto, gostei muito do ambiente. Eu gostava e sempre respeitei os esportes orientais, mas só consegui chegar à uma faixa preta depois que fui capoeirista [palavras inaudíveis]... Mas esse livro é um grande pai. Aí comecei na academia com o Mestre Monsueto, na Kidokan mesmo, troquei os horários e, de lá para cá, desde um dia de junho de 1977 eu não larguei mais.

E.D. – Tem alguma mensagem que você gostaria de deixar para a capoeira?

L.A. - Eu quero deixar sim! Eu quero que os meninos sigam o teu exemplo, o de continuar pesquisando, de continuar resgatando e às outras pessoas que tenham curiosidade, o conhecimento, porque quem não valoriza sua história, seu passado, não merece um lugar no futuro. Quem não conhece sua própria história. Como eu te falei, eu não sou afro-descendente mas meu pai é pesquisador de africanismo, escreve sobre isto, e todos os alunos afros que tenho, minha missão com eles foi tanto cultural na música, tanto na parte técnica, nos toques, seja angola, regional, um jogo de dentro³⁰. O que eu pude fazer por eles eu fiz. Mas como estávamos falando agora, o mundo afro tem muita história para pesquisar, muita história para contar, por mais que o cara seja Mestre, ele não tem todas as respostas. Isso tem que continuar, não pode parar de renovar, e não pode parar de pesquisar. E não pode acreditar em qualquer cara que diz: “Eu sou o triplo X da capoeira!” Tem que pesquisar entendeu? Quando você vai ao médico e ele diz: “Vou te operar, eu sou o cara!” Você não vai procurar referências? Vai! Somente

²⁹ Nestor Capoeira, mestre e autor de livros de capoeira.

³⁰ Toques de berimbau correspondentes a diferentes formas de jogo de capoeira.

assim acontecerão as verdadeiras referências para o futuro. Pesquisando e dando o nome.

E.D – Mestre, para encerrar então, isso me atiçou a curiosidade, o senhor enquanto branco, em uma época que não era tão divulgada a capoeira, como foi essa relação?

L.A. - Rapaz pra eu te dizer, quando eu cheguei em casa e disse que iria fazer capoeira... nem vou te contar o negócio! Aquela coisa de preto, de vagabundo, o cacete, blá, blá, blá... Mas quando me torno instrutor de capoeira, essa arte de preto, de vagabundo, até é uma coisa que eu aprendi isso, psicologicamente ela liberta uma pessoa. Eu era um cara tímido, magro, esguio, sabe, me sentia até às vezes discriminado e a capoeira me libertou de tudo isso e vários amigos e conhecidos sempre levaram os filhos: “Pô Nino, eu quero que tu ensines o meu filho a se defender através da capoeira.” Alguns se tornaram doutores e tal, e outros estão aí, verdadeiros professores, instrutores, mestres de artes e muitos de capoeira.

E.D. – Que idade foi com que você começou?

L.A. - Dezesete anos.

E.D. – Foi o ano de?

L.A. - De 1977.

E.D. – Mestre, encerro aqui a nossa entrevista, agradeço muito mesmo por toda essa história e história com H maiúsculo!

L.A. - Foi rápido não é? Mas se Deus quiser no máximo em um ano estou lançando o meu livro, aí a gente conta um pouco mais, até o que está faltando... Gravei disco, gravei o primeiro vinil que teve no Muzenza³¹, eu canto, em 1985, depois eu gravei o meu disco, meu projeto de capoeira, depois participo mais de uns discos da cultura da Prefeitura. Conheci muitos bons cantadores, cantei junto com os berimbaus de Mestres

³¹ Grupo de Capoeira de Mestre Burguês.

importantes, toquei muito tempo com Mestre Camisa³² no Circo Voador³³, em alguns eventos inteiros, toquei muito tempo com Mestre Burguês, estes caras dispensam apresentação.

A grande mensagem é: tem que pesquisar, tem que organizar e as organizações também têm que pensar em se unir para fazer alguma coisa pelos Mestres antigos. Eu estou falando dos mais antigos do que eu ainda. Porque muitos passam dificuldade e a gente sabe disso, então não pode deixar morrer isso, porque morrendo um baluarte da capoeira, morre a própria capoeira e a capoeira não pode morrer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³² Mestre responsável pelo Grupo ABADÁ-CAPOEIRA de projeção internacional.

³³ Centro de eventos culturais localizado na cidade do Rio de Janeiro.